

LER PARA QUE TE QUERO

Notas críticas de PEDRO VAZ

ALTO RISCO de Alice Hoffman

A ficção norte-americana não perde pitada. Desde logo, tematicamente. Exige-o o marketing editorial. Exigindo-o também a sensibilidade, a abertura, a atenção ao imediato, que constitui um dos traços da cultura nos EUA. Traço que é uma das suas singularidades e uma das suas forças. A História Literária norte-americana demonstra-o.

Alto Risco é, desse traço, sinal. Um documento-ficção sobre o angustiante pano de fundo da SIDA: uma jovem de onze anos com sonhos de competição olímpica é atingida pela revelação de que a doença está nela. Alice Hoffman tem, porém, a qualidade de evitar o melodrama. **Alto Risco** é um livro poético, delicado, subtilmente tenso. E, por isso, extremamente interessante: admirável no equilíbrio entre a brutalidade do facto e o lirismo do olhar que o percorre. Daí a espantosa humanidade desta narrativa: o seu comovedor optimismo, a sua larga, generosa, lição de atenção aos outros, ao mundo.

Tradução: Ana Luísa Faria. Coleção: «Ficção Universal», n.º 55. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1989. 208 páginas. 1 650\$00.



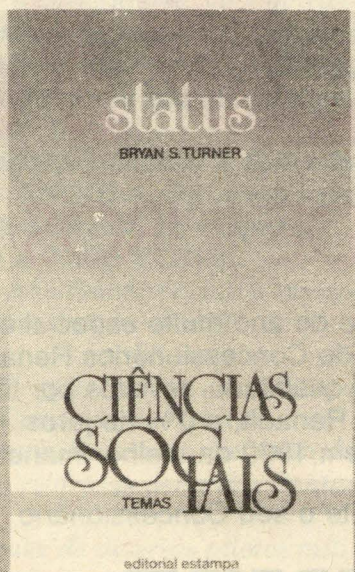
STATUS de Bryan S. Turner

Um estudo sociológico de premente actualidade, este, de Bryan S. Turner, antigo professor na Universidade de Flinders, na Austrália do Sul, hoje, professor de Ciências Sociais na Universidade Estatal de Utrecht, na Holanda. A questão colocada é saber se do conflito entre o moderno e o pós-moderno resulta o fim do **status**, saber se «a explosão dos sinais e da cultura de consumo» vai ou não vai provocar a erosão das hierarquias de **status**, da estratificação social. Perguntando-se mesmo se será possível conceber uma sociedade de onde as hierarquias, as diferenças de **status** tenham desaparecido totalmente.

Para Bryan Turner, a estratificação social pode ser reduzida, não pode nunca ser eliminada. Mais: Turner entende que nos estamos dirigindo para «um outro complexo de relações sociais dissociado do futuro desenvolvimento do consumo de massas e da tendência para uma cultura pós-moderna». São, de tal, indícios a circunstância de «as hierarquias convencionais dentro do sistema cultural (parecerem) estar mais fragmentadas e diversificadas do que em qualquer época passada» e o facto de «a esfera cultural (se dissociar) de certo modo dos sistemas político e económico», produzindo «a luta competitiva dentro do campo cultural» uma «explosão de indícios culturais e uma cacofonia de estilos de vida».

Uma extensa e actualizada bibliografia enriquece este estimulante ensaio do prof. Bryan S. Turner, que toma lugar numa importante colecção constituída por obras como **O Conservadorismo**, de Robert Nisbet, **Raça e Etnia**, de David McLellan, **O Liberalismo**, de John Gray, **A Burocracia**, de David Beetham, **O Socialismo**, de Bernard Crick, **A Democracia**, de Anthony Arblaster, **A Propriedade**, de Alan Ryan e **A Liberdade**, de Zygmunt Bauman.

Tradução: M. F. Gonçalves de Azevedo. Capa: Carlos António de Oliveira e Sousa. Coleção: «Ciências Sociais», n.º 10. Editorial Estampa, Lda., Lisboa, 1989. 134 páginas. 1 000\$00.



«BALADA DA PRAIA DOS CÃES» de José Cardoso Pires

Dissertação sobre o salazarismo



Um romance histórico, que é? Em sentido muito lato, quase todos, se não todos, os romances são históricos. Em sentido mais estrito, e usando categorias mais tradicionais, é histórico o romance que se tece sobre figuras ou factos históricos, saliente e «oficialmente» históricos. **Balada da Praia dos Cães**, de José Cardoso Pires, é ou

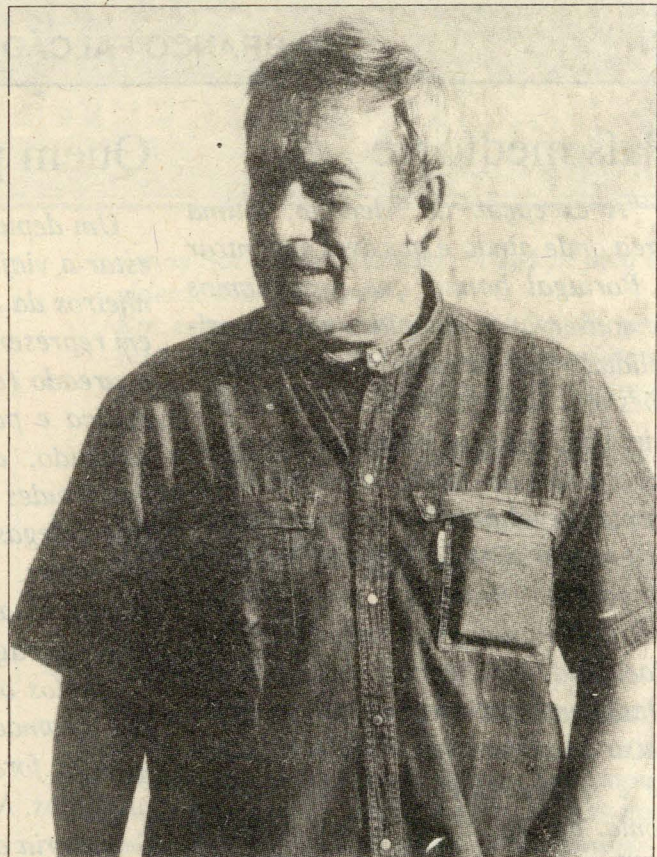
não é, também um romance histórico? Sendo-o, claro, na acepção lata do termo, não o será igualmente na acepção estrita, se quiserem, na acepção tradicional? E não apenas por efabular uma trágica ocorrência que moveu a opinião deste País. Mas sobretudo por, sobre a matriz dessa tragédia, e na liberdade da efabulação, constituir um dos mais valiosos documentos sociais, culturais e morais sobre o já tardo-Portugal salazarista.

Com efeito, se há na **Balada da Praia dos Cães** vários livros simultâneos, várias leituras possíveis, das quais uma, e provavelmente não das menores, é a arquitectura trágica, o rigor implacável da tragédia, de uma tragédia lusitana, de que os anos 50 são circunstância e aparelho de discurso ideológico-cultural, outra será a deste largo, extenso, rigoroso levantamento do que foi o salazarismo, este auto levantado ao salazarismo, do que, sob o salazarismo, fomos. «Dissertação sobre um crime», diz o livro em subtítulo. Crime, este mesmo, na transposta Praia do Mastro. Mas também crime outro, maior, que é o daquele por que se fez este. Mais, portanto, do que o particular de uma balada, feita novela. Novela feita romance, abrindo-se como um grande olhar sobre o que imediatamente não é mas basicamente está. Na mentalidade. Na sociologia. Na própria incomodidade, angústia da ronqueira. De que Elias Santana é expressão. Como muito poucos livros, muito mais do que quase todos di-

rectamente empenhados em como este investigar e reconstituir um tempo muito mais culturalmente remoto do que os meros anos 20 (porque o salazarismo, a sua eficácia e a sua resistência são muito mais antigos, têm uma genealogia extensa), **Balada da Praia dos Cães** admirável e insubstituívelmente se ergue à condição de grande documento do que também somos. Hoje, a esta distância, e com as facilidades morais, metodológicas, técnicas que a distância permite, já não se trata do levantamento da culpa, das culpas. Trata-se de compreender. Desde logo, o que nos anos 50 e 60 foi. Mas também até onde, nesses anos, foi. E de onde vinha o que lá esteve. E até como já era o que, em ainda tantos aspectos, ainda não conseguimos arrancar da pele.

Tragédia lusitana, como não foi a da Rua das Flores do póstumo queirozianismo, e profundo documento sociológico e cultural, estas duas vertentes da **Balada**. Uma terceira será a rigorosíssima disciplina da escrita, a lição de cortar liso os materiais literários, a oficina do escritor que se exerce a céu aberto, sem desmobilização da emoção do leitor, da sua cumplicidade e da sua lucidez. A modernidade desta narrativa radica numa clareza que ecoa setecentismo. Transbordando este novecentos.

Capa: Vítor Costa. Coleção: «Biblioteca de Bolso Dom Quixote», n.º 43. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1989. 256 páginas. 650\$00.



A MORTE DO PAI de Modesto Navarro

Quase todas as grandes clarezas literárias são um ponto de chegada. A clareza deste romance é um ponto de partida. Na nitidez do olhar, da concepção do mundo, da opção, do combate. Decerto respeitável, esta clareza. Arrisca-se é a não ser, de facto, tão romance. No que quanto o romance tem de ser, ou deve ser, ele tem, hoje como sempre, de literariamente exigível. Em termos de intensidade, de complexidade. Seguramente, **A Morte do Pai** abre espaços sobre territórios sociais, morais, aqui e ali psicológicos de incontornável importância. E esse é um valioso aspecto deste livro. Seguramente, **A Morte do Pai** se diz com a eficácia dessa clareza, com a sua pedagogia, frequentemente com intensidade poética. E esse é outro dos valiosos aspectos deste livro. Decisivo seria, cremos, que esta empenhada solidariedade romanescamente se desenvolvesse num discurso talvez menos claro assim, mas mais exigente.

MODESTO
NAVARRO

A MORTE DO PAI



Capa: João Carlos Albarnaz. Coleção: «Obras de António Modesto Navarro», n.º 3. Editorial Ulmeiro, Lisboa, 1989. 167 páginas. 1 200\$00.

A LEBRE de Álvaro Guerra

A Lebre, de Álvaro Guerra começou por ser um valentíssimo e saborosíssimo, dribling à censura marçalazarista, e vem por aí fora a correr, suportando e briosamente vencendo o tempo, e as diferenças condicionais, pela qualidade da alegoria, a exemplaridade da metáfora, a intemporalidade da fábula, bem como por uma escrita ágil, despejada, ela, se quiserem, a corricão.

Corrida ainda levamos, o novo adiante do velho, isso sempre, outras vezes o velho adiante do novo, isso esperamos que cada vez menos, pelo que manhas e furtas ainda são precisas, por diferente que seja, hoje, institucionalmente, esta caçada. Livro de caça, quando, diz a contracapa, «outras caçadas» se aproximavam do fim na Ásia (Vietname) e na África (colónias), **A Lebre** lê-se, querendo, pela banda da reconstituição, lendo-se também, que, na sua maneira escorreita, tal merece, pela banda da novela exemplar.

A Lebre está numa colecção preciosa, e portuguesíssima, honra seja à editorial, «Dias de Prosa».

ÁLVARO GUERRA
A LEBRE



Capa: João Segurado. Coleção: «Dias de Prosa». Edições «O Jornal», 2.ª edição, Lisboa, 1989. 111 páginas. 750\$00.